

Palavras também constroem imagens: a (re)apresentação da Faculdade de Ciências Econômica pelo Jornal Diário da Borborema

José Valmi O. Torres,* Rosilene Dias Montenegro **

Índice

1. Introdução	2
2. Resultados e discussão	3
3. Considerações finais	11
4. Agradecimentos	11
5. Referências Bibliográficas	11

Resumo

O presente artigo é um dos resultados parciais do Projeto de Pesquisa: “Organização e Preservação da Memória da Ciência e Tecnologia em Campina Grande – PB (1952-2002)” que tem como uma de suas pesquisas o sub-projeto: **Memórias e histórias da Faculdade de Ciências Econômicas e Faculdades de Medicina de Campina**, que contou com o apoio do PIBIC/CNPq/UFCG, no período de agosto de 2007 a julho de 2008. A importância deste sub-projeto consiste em registrar as memórias acerca da Faculdade de Ciências Econômicas, a antiga

FACE, origem do Centro de Humanidades, e registrar as memórias da Faculdade de Medicina de Campina Grande, origem do Centro de Ciências Biológicas e da Saúde, para a partir dessas memórias tentar reconstituir aspectos das histórias dessas duas faculdades, seu papel na formação de profissionais de suas áreas e função social desempenhada no período referente às suas existências (de 1955, quando foi criada a FACE, passando pela criação da Faculdade de Medicina em 1968, até chegar a reforma universitária que cria os Centros, em 1976). O objetivo deste artigo é mostrar aspectos da memória e história da FACE a partir da análise de 5 artigos do jornal *Diário da Borborema*. Um dos resultados da pesquisa aqui apresentada é de que o Diário da Borborema foi um dos grandes responsáveis pela divulgação dos temas e debates relativos aos diferentes campos do conhecimento, contribuindo desse modo para a construção de determinadas imagens dessas instituições, as quais estavam ligadas a difusão de uma visão da cidade de Campina Grande como cidade do progresso.

*Mestrando do Programa de Pós-graduação em História da UFCG, Campina Grande, PB, e-mail: josevalmi@yahoo.com.br

**Prof. Doutora, Unidade Acadêmica de História e Geografia, UFCG, Campina Grande, PB, e-mail: Email: lena.montenegro@uol.com.br

Abstract

This article is one of the partial results of the research project: “Organização e Preservação da Memória da Ciência e Tecnologia em Campina Grande – PB (1952-2002)” which has as one of your searches the sub-project: **Memórias e histórias da Faculdade de Ciências Econômicas e Faculdades de Medicina de Campina**, which had the support of PIBIC / CNPq / UFCG, from August 2007 to July 2008. The importance of this sub-project is to record the memories of the Faculdade de Ciências Econômicas, the former FACE, home of the Centro de Humanidades, and record the memories of the Faculdade de Medicina de Campina Grande, home of the Centro de Ciências Biológicas e da Saúde, from these memories to try to reconstruct aspects of the stories of these two colleges, their role in training of their areas and social function performed during the period relating to their stock (in 1955, when it created the FACE, through creation of the Faculdade de Medicina in 1968, to reach university reform establishing the centers, in 1976). This article aims to show aspects of memory and history of FACE from the analysis of 5 articles in the newspaper *Diário da Borborema*. One of the search results presented here is that the *Diário da Borborema* was a major responsibility for disclosure and discussion of themes relating to different fields of knowledge, thus contributing to the construction of certain images of these institutions, which were linked to broadcast a vision of the city of Campina Grande as progress.

1. Introdução

O jornal impresso tem motivado inúmeras reflexões acerca de seu papel na formação das identidades sociais e das representações. Neste sentido, o trabalho aqui apresentado, fruto de uma reflexão preliminar e ao mesmo tempo roteiro para uma investigação mais detalhada, ainda em andamento, pretende discutir algumas representações sobre a Faculdade de Ciências Econômicas, feitas pelo órgão de imprensa, *Diário da Borborema*, e busca uma abordagem que privilegie o processo histórico, recortado por marcos significativos, tais como: o início do funcionamento da própria Faculdade de Ciências Econômicas, a formatura da primeira turma de alunos, a construção da cidade universitária, a promoção de cursos objetivando encontrar uma saída para que tanto Campina Grande como o Nordeste entrasse no caminho do desenvolvimento e do progresso.

Sendo a imprensa um meio de comunicação de massa, capaz de gerar e fixar representações acerca de fatos, pessoas, espaços e datas, um lugar privilegiado de construção da memória nas sociedades urbanas, nos propomos mostrar como foram sendo construídas, as representações e as imagens acerca da Faculdade de Ciências Econômicas no jornal *Diário da Borborema*, no período compreendido entre 1960 com seu funcionamento e 1976 quando a mesma passa a ser transformada em Centro de Ciência e Tecnologia da Universidade Federal da Paraíba.

Diversos estudos já afirmaram a potencialidade dos meios de comunicação na construção de imagens, representações, e visões de mundo. No âmbito da produção historiográfica, a partir do momento que os historiadores deixaram de ver os jornais como

documento no sentido estrito de lugar onde estariam depositados os fatos históricos e passaram a vê-los também como atores da história, diferentes abordagens foram delineadas.

Estudar a imprensa não é, certamente alinhar fatos e datas, nomes e mais nomes, nem destacar os personagens que se tornaram singulares na construção engendrada no passado para o futuro. E sim, identificar, na definição de Roger Chartier (1990), o modo como em diferentes lugares e momentos uma dada realidade é construída, pensada e dada a ler.

Nesse sentido, os textos da mídia impressa apresentam-se como uma fonte privilegiada da percepção dos eventos do dia, com toda a sua agitação e dispersão características. Tendo como objetivo o presente, que se transmuta em acontecimento jornalístico e, muitas vezes em espetáculo. A mídia não somente transforma o presente em acontecimento jornalístico, como também confere um estatuto histórico. Desse modo, a sociedade assiste à história do tempo presente sendo construída, sob a tirania do acontecimento. O lugar por excelência, da produção do acontecimento não é mais o do discurso da história, mas, sim, o da mídia.

A partir da percepção da imprensa como um meio de comunicação de massa, capaz de gerar e fixar representações acerca de fatos, pessoas, espaços e datas, sendo um *lugar de memória* privilegiado nas sociedades urbanas, a proposta é mapear como foram sendo construídas, entre os anos 60 e meados da década de 70, as representações e as memórias acerca da Faculdade de Ciências Econômicas no periódico citado.

Antes de explicitarmos nossas reflexões sobre as matérias coletadas, se faz necessário

apontarmos algumas explicações importantes para compreensão desse trabalho. Embora existam outros pequenos periódicos como: *Tribuna da Paraíba*, *O combate*, *A Gazeta Campinense*, *O Século*, *O rebate* ou mesmo o *Jornal da Paraíba*, entre outros que retrataram os anos 60 e início dos anos 70, resolvemos nos concentrar no Diário da Borborema por ter sido ele o jornal que desde sua criação, em outubro de 1957, se constituiu numa das principais fontes formadoras de opinião dos habitantes de Campina Grande. Nele escreviam, além de jornalistas profissionais, poetas, religiosos, intelectuais, artistas, políticos e colunistas sociais, o que nos permite uma variedade de pontos de vista a serem analisados.

Em nossa pesquisa vimos que cinco colunas mantinham uma certa periodicidade entre o início dos anos 60 e meados dos anos 70. Eram elas: *Coisas da Cidade* (de Cristiano Pimentel); *Rosas dos Ventos* (de Stênio Lopes); *Homens e Fatos* (de Lopes de Andrade); *Instantâneos da Cidade* (de Evaldo Cruz).

Um outro fator que nos possibilitou a pesquisa no Diário da Borborema foi a importância que esse meio de comunicação reservou desde o seu surgimento, espaço em suas matérias para notícias referente ao ensino superior, publicando notícias sobre: a Escola Politécnica, a Faculdade de Ciências Econômicas, a Faculdade Católica de Filosofia, a Faculdade de Serviço Social, a Faculdade de Odontologia, e a Faculdade Medicina.

2. Resultados e discussão

As idéias de progresso e desenvolvimento econômico faziam parte dos anseios e

dos debates políticos no Brasil dos anos 50. Esses anos, ainda continuam sendo os anos dourados da sociedade brasileira. Em Campina Grande não poderia ser de outra forma. Depois dos anos 30, período em que a cidade viveu um *boom* do algodão, chegando a ser chamada de “a Liverpool Brasileira” porque ocupava no ranking mundial a segunda posição na exportação de algodão, vivia-se nos anos cinquenta um novo período de significativo crescimento econômico, verificado pela instalação de empresas comerciais, de estabelecimentos bancários e de concessões de uma série de vantagens como estratégia para atração de novas indústrias para essa cidade. Indo também ao encontro de uma justa aspiração da mocidade estudiosa de Campina Grande, é criada por Lei Municipal nº 512, de 1º de julho de 1955, a Faculdade de Ciências Econômicas.

Segundo o prefeito Severino Cabral uma cidade em fase de transição da sua estrutura econômica, é obvio que Campina Grande sente a necessidade de uma Faculdade de Ciências Econômicas onde se formam as novas equipes de técnicos, para as diversas atividades que serão aqui desenvolvidas com o surto de industrialização que se processa neste momento. Por isso, é de fundamental importância para essa cidade o reconhecimento desta Faculdade para o progresso de Campina Grande.

Não temos conhecimento, até o momento, se os jornais em circulação em Campina Grande publicaram algo em relação à criação da FACE, uma vez que infelizmente esses documentos não foram localizados no Museu Histórico Municipal de Campina Grande ou porque não existem lá ou porque se perderam com as reformas e, particularmente, a falta de política de preservação de

acervo documental. Os artigos selecionados se restringem às publicações do jornal Diário da Borborema, mais antigo veículo de circulação da cidade de Campina Grande, no que diz respeito à regularidade de publicação. Este jornal só começa a circular na cidade a partir de 02/10/1957. Este jornal abordava os assuntos pertinentes ao cotidiano da cidade, mas, para fins do presente artigo nos deteremos às questões relacionadas ao desenvolvimento técnico científico de Campina Grande, e às notícias sobre a criação de cursos superiores. Em grande parte, as crônicas e editoriais publicados no *Diário* refletiam invariavelmente o desenvolvimento econômico que passava a cidade nos anos 50 e 60. Sob a lógica do desenvolvimento, o jornal carregaria para si, a responsabilidade de ser o principal difusor de uma Campina Grande desenvolvida, moderna e progressista.

Veremos no gráfico abaixo, o número de notícias referentes à Faculdade de Ciências Econômicas de Campina Grande, que foram divulgadas entre os anos de 1960, época da autorização para o funcionamento da FACE, até 1976, ano da reforma cêntrica, que transformou essa instituição em Centro de Ciências e Tecnologia do Campus II da Universidade Federal da Paraíba.

Podemos perceber o grande o número de notícias publicadas no Diário da Borborema referentes a Faculdade de Ciências Econômicas, entre os anos de 1960 até 1976, somam-se 546 notícias. É um número consideravelmente alto. Isso demonstra a importância que esse veículo de comunicação conferia a esta Faculdade.

As matérias publicadas no Diário da Borborema podem ser classificadas da seguinte forma:

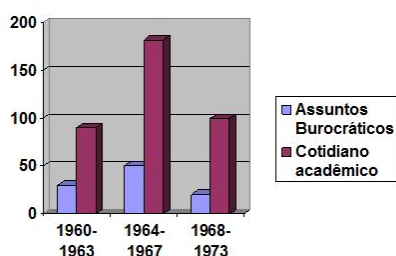


Figura 1: - Gráfico referente ao número de notícias publicadas sobre a Faculdade de Ciências Econômicas entre os anos de 1960-1976.

- Assuntos Burocráticos
- Assuntos relacionados ao cotidiano acadêmico

Como podemos ver, as informações privilegiadas eram as que se referiam ao cotidiano acadêmico, onde se destacavam assuntos referentes a avisos de provas, notas de alunos concursos para professores, visitas de estudantes a outras instituições de ensino e a empresas, personalidades de outros estados que faziam palestras, davam cursos de extensão na FACE, dentre outras.

Já no tocante à burocracia administrativa eram poucas as notícias, se comparadas às informações sobre os assuntos acadêmicos. Muito possivelmente, a causa desse baixo número de notícias referentes às questões administrativas demonstra que o Diário da Borborema preferia publicar notícias que mostrasse a Faculdade de Ciências Econômicas como uma instituição de referência que funcionava da melhor forma possível. Todavia, não nos deteremos na análise desse assunto no momento, uma vez que nossa prioridade é investigar se e/ou como o *Diário da Borborema* contribuiu para a construção da

imagem da Faculdade de Ciências Econômicas.

Lopes de Andrade afirma em sua coluna diária “Homens e Fatos”: “*os campinenses devem se unir para que a Faculdade de Ciências Econômicas comece a funcionar em 1960, pois os empresários e industriais precisam de economistas com terceiro grau e não apenas com curso técnico*¹”.

De imediato essa notícia não teria nenhuma relevância, mas por traz deste discurso, o jornal passa ao leitor, mesmo que de forma subjetiva, a idéia de que é necessário uma capacitação e formação profissional em nível superior, e que o economista egresso dessa instituição seja colocado no mercado de trabalho para contribuir com o desenvolvimento da cidade.

Imediatamente nos voltamos para o cenário político e econômico nacional do final da década de 50 quando o desenvolvimentismo de JK, que por sua vez pode ser definido como modelo voltado centralmente para a realização de crescimento econômico acelerado, em ritmo superior aos padrões históricos tradicionais, com o objetivo de diminuir distância de nível de industrialização e renda em relação aos países considerados subdesenvolvidos.

E para acelerar esse ritmo de desenvolvimento era preciso o Estado investir em setores importantes da economia.

O Estado deveria desempenhar a função de principal agente indutor do processo, quer sinalizando os rumos da economia e direcionando os investimentos, quer investidos diretamente em setores fundamentais como infra-estrutura e indústria básica (BRUM, 1999, p. 232).

¹Diário da Borborema: 16/01/1960; página 02.

Como podemos perceber, o tema que centralizava as atenções era o desenvolvimento do país via industrialização, e para que isso acontecesse era preciso ter um saber técnico para realizar as obras de infra-estrutura que o Brasil necessitava, tais como: pontes, rodagens, barragens prédios. E também uns saberes técnicos, constituintes da formação de economistas e voltado para administrar empresas públicas e privadas.

O município de Campina Grande passa a ser beneficiado com essa política de industrialização promovida pelo governo federal, possivelmente por ser a cidade mais desenvolvida do Estado da Paraíba e, em decorrência desse privilégio adquiria importância significativa no cenário regional. Evidentemente havia na região Nordeste outros centros mais desenvolvidos que Campina Grande, no entanto, se tomarmos o desenvolvimento vivenciado por esta cidade e compararmos com a situação geral do Nordeste, chegaremos a conclusão que Campina Grande se desenvolvia muito mais que várias cidades dessa região.

As políticas públicas implementadas na região eram, geralmente, ineficazes e atrasadas como mostra essa citação de Raimundo Moreira, comparando as políticas de desenvolvimento do Nordeste e do Centro-Sul:

[...] Desenvolvia-se no Centro-Sul uma política de inversões dentro de um programa orientado com objetivos definidos, visando à industrialização, enquanto no Nordeste se levava a cabo uma política “assistencialista”. A ação governamental no Nordeste centrava-se na política de combate às secas e tinha efetivamente

um caráter filantrópico [...] (MOREIRA, 1979, pp. 32-43).

De acordo com Lima (2004. p. 48): “essa realidade global do Nordeste não se reflete em Campina Grande, ao contrário, ao entrar nos anos cinquenta o município já se destacava como um centro industrial em franca ascensão e continua durante toda década”. O crescimento era tanto que, em 1959, Campina Grande tinha 111 estabelecimentos industriais, enquanto João Pessoa tinha 93 estabelecimentos. Em termos quantitativos, o número de indústrias, de habitantes, de lojas de comércio, somando-se ainda sua importância como pólo comercial de algodão, fazia dessa cidade um centro propulsor de crescimento econômico.

Como podemos perceber, depois de mais de quarenta anos passado da publicação dessa notícia, o Diário nos mostra a imagem de uma instituição que poderiam contribuir para o desenvolvimento da cidade, ajudando Campina e região a prosseguir seu processo de desenvolvimento.

Lopes de Andrade afirma em sua coluna *Homens e Fatos* que, “antes de qualquer coisa, a Faculdade de Ciências Econômicas oferece a Campina Grande mão-de-obra qualificada, algo que é bastante necessário para a cidade que não pára de se desenvolver²”.

Esse artigo também nos apresenta a situação de desenvolvimento que estava inserida Campina Grande. E com o funcionamento de um curso como o de Ciências Econômicas, seria de fundamental importância, devido essa cidade se encontrar em processo de industrialização.

²Diário da Borborema: 08/07/1960; página: 02.

Entre as décadas de cinquenta e final de sessenta, muitas empresas que haviam se instalado na cidade atraída, ainda, pelo reativamento da fase áurea do algodão, contribuíram para o desenvolvimento sócio-econômico campinense. Podemos destacar a Escola Técnica do Comércio de Campina Grande, a Fundação para o Desenvolvimento da Ciência e da Técnica (1956), a Faculdade Católica de Filosofia de Campina Grande (1952), a Faculdade de Serviço Social de Campina Grande (1951), origem da Universidade Regional do Nordeste (URN), criada em 1966 através da Lei Municipal e, transformada em 1986, na Universidade Estadual da Paraíba. Foram, também, criadas nessas décadas várias empresas municipais e órgãos voltados para o desenvolvimento da cidade; a Campanha Municipal de Desenvolvimento (COMUDE), criada pela Prefeitura Municipal em 1956. Em 1957, foi criada a SANESA, a primeira Sociedade Mista de Água e Esgoto de todo o Brasil e da América do Sul. Segundo Lima (1996:50) a base do modelo da SANESA serviu posteriormente para a criação da TELINGRA criada em 1955, o Fundo de Desenvolvimento Agro-Industrial (FADIN), o Banco de Fomento Agrícola S.A (BANFOP), criado em 1959, além da Wallig Nordeste S.A, CANDE, FIBRASA, PREMOL e IPELSA, todas criadas em 1966.

Implicitamente esse artigo ainda nos passa a imagem de que os futuros economistas formados na FACE não terão problemas relacionados com colocação no mercado de trabalho, deixando transparecer que existia uma demanda de economistas na região, graças a essas empresas e instituições acima citadas que precisavam de pessoas capacitadas para suprir seus quadros de funcionários.

Assim segundo Lopes de Andrade “*Campina Grande é mais uma vez pioneira no interior do Nordeste, tendo sido a primeira cidade interiorana a dar início a construção de uma cidade universitária que irá comportar duas excelentes escolas*”³. Ainda, segundo Lopes de Andrade, a Escola Politécnica, criada em 1952 e a Faculdade de Ciências Econômicas, eram orgulho do ensino superior paraibano por estar ajudando a cidade e região a se desenvolver.

Nesse artigo, o Diário mostra a imagem da Faculdade de Ciências Econômicas e da Escola Politécnica, como instituições que se sobrepunham, em termos de estruturas, as outras faculdades no interior do Nordeste. Essa compreensão está presente em muitas outras notícias publicadas nesse meio de comunicação.

O jornal também apresenta neste artigo, o ideal de que a Politécnica e Faculdade de Ciências Econômicas eram orgulho da Paraíba, colocando esse estado à frente dos demais estados nordestinos em matéria de ensino superior. E que Campina era a única cidade do interior nordestino a possuir duas escolas superiores, dentre estas a FACE e a POLI e sendo também a primeira a dar início à construção de uma cidade universitária.

Assim, podemos perceber nessas notícias e artigos, que o Diário da Borborema constrói a imagem da FACE e da Escola Politécnica, que se apresentavam de forma vanguardista, sendo instituições de destaque na área de engenharia e de economia. Como não existe um jornalismo imparcial, podemos dizer que os jornalistas do Diário contribuíram para consolidar a imagem de uma

³Diário da Borborema: 07/10/1962; página 08.

urbe que estava à frente de muitas outras cidades do Nordeste.

Lopes de Andrade comenta a abertura do curso de Introdução aos Problemas do Desenvolvimento (promovido pela SUDENE e pelo Conselho Estadual do Desenvolvimento) e do Instituto de Pesquisas Sociais e Econômicas (recém criado pela Faculdade de Ciências Econômicas da Universidade Federal da Paraíba) e afirma: “*A Faculdade de Ciências Econômicas esta construindo uma nova mentalidade para Paraíba à administração e economia*”. (Diário da Borborema: 17/01/1963, página: 02).

Como podemos perceber nesta notícia, o jornal já mostrava a que a Faculdade de Ciências Econômicas se propunha, a encontrar soluções que pudesse romper com o atraso econômico e social em que estava inserida a região Nordeste. Ela representava um marco desses tempos de busca de se criar base material que viesse dar viabilidade ao tão almejado progresso. A FACE formando economistas para preencher essa demanda industrial, que precisava de bons administradores e a POLI seria a formadora dessa mão-de-obra técnica que iria auxiliar a cidade em seu processo de industrialização.

É interessante observar que além de mostrar o desenvolvimento que a Escola estava proporcionando não só ao Estado, mas ao Nordeste, fica implícito na matéria, que tais coisas só estavam sendo possíveis pelos que faziam a Faculdade de Ciências Econômicas, isto é, diretor, professores, alunos e estudiosos, politizados, estando estes um pé à frente, isto é, mesmo sendo em uma cidade do interior, estavam mais atentos, do que outras cidades e capitais em resolver os problemas do Nordeste e alcançar o tão sonhado progresso e desenvolvimento.

A compreensão que o Diário apresenta da FACE e da POLI, como instituições de vanguarda, sempre se antecipando ao futuro, a um passo a frente em relação as demais, estas idéias estão presente também no depoimento concedido ao Projeto Memória da Ciência e Tecnologia em Campina Grande (1952-2002) pelo ex-diretor do SENAI e também ex-professor da Escola Politécnica, senhor Stênio Lopes:

Esse tema, progresso em Campina Grande, era uma coisa muito interessante, se pensava o que se poderia fazer para o futuro desta cidade. A FACE e a Politécnica lideravam essas discussões sobre progresso, desenvolvimento. A gente debatia de forma exaustiva esse assunto, chegando até imaginar uma projeção do desenvolvimento de Campina Grande para o ano 2000. Alguns professores da Politécnica como Lynaldo Cavalcante, Luis Almeida, José Lopes de Andrade da FACE e alguns industriais, muito inquietos, progressista, era impressionante como esse grupo pensava em transformar a cidade em um centro tecnológico de referência.

Percebe-se nessa fala do professor Stênio Lopes que havia em Campina Grande um grupo de intelectuais muito dinâmicos, que buscavam a todo custo mecanismos que viabilizassem o progresso e o futuro próspero dessa cidade, e o mais importante, esse grupo de intelectuais perceberam que o investimento no ensino superior era importante para colocar a cidade um passo à frente das demais cidades nordestinas, nesse processo de industrialização. E essas escolas de ensino superior, que em pouco tempo

de existências foram federalizadas, possibilitariam colocar mão-de-obra qualificada para as indústrias aqui instaladas ou que viessem a se instalar. E esses frutos que foram plantados nos anos cinquenta, com a implantação dessas escolas de ensino superior, que custaram muita luta, em que foi preciso romper barreiras que à primeira vista pareciam intransponíveis, o sonho dessas pessoas que foram ousadas para época, colocaram Campina Grande, em uma posição de destaque, possibilitando a inserção dessa cidade na grande questão nacional, o desenvolvimento científico e tecnológico.

Podemos observar também que a imagem trabalhada pelo Diário da Borborema de uma Faculdade que está contribuindo para a transformação social de uma região está em consonância com a o projeto político do governo JK (1956-1961), particularmente, no que refere à recepção das idéias de modernidade e desenvolvimento.

Observa-se também que a criação da SUDENE representava, para os desenvolvimentistas campinenses, a grande possibilidade de ver a infra-estrutura que vinha sendo montada no município, através de acordos e negociações políticas, passar a ser utilizada e cumprir o seu papel de alavancar o desenvolvimento do município, tendo como carro chefe a industrialização.

O município de Campina Grande, ao se integrar na discussão técnica e política acerca da extensão do desenvolvimentismo para a região Nordeste, começa a preparar a infra-estrutura e os mecanismos legais capazes de facilitar a adoção desse tipo de política. As medidas visando a implementação da política desenvolvimentista, bem como, as melhorias na infra-estrutura eram negoci-

adas e realizadas sempre tentando envolver as três esferas de poder.

Para a criação dessa infra-estrutura capaz de atrair e dar condições vantajosas para a efetiva instalação de indústrias de grande porte no município era fundamental aos economistas de Campina Grande fazer parte desses debates mais amplo que tinha na SUDENE a esperança de viabilizar a tão almejada industrialização. Pois, não é a toa que Campina Grande se destaca em 1965, em quarto lugar entre os municípios que mais se beneficiarão com projetos de implantação de fábricas, superando todas as capitais de Estados e as principais cidades da Região, exceto Recife, Salvador e Fortaleza.

O artigo publicado em 22/12/1964 “*a formação dos alunos da FACE foi em 1964 um dos fatos mais relevantes da vida cultural da cidade, tomando-se em consideração o entusiasmo que invade os campinenses pela industrialização do município*”.

Percebe-se com a publicação desse artigo que os formandos da Faculdade de Ciências Econômicas constituiriam a mão-de-obra qualificada essas indústrias que estavam se instalando em Campina Grande, porque além de excelentes engenheiros formados pela Escola Politécnica, precisava-se também de administradores, de economistas que pudessem contribuir com esse processo de industrialização que a cidade estava presenciando.

O Diário da Borborema nos passa também a idéia do pioneirismo e da busca de transformar a Faculdade de Ciências Econômicas em uma instituição de referência e que estava se mantendo sempre atualizada com as demais escolas. Como podemos ver nessa notícia: “*Universitários da segunda série do curso de Sociologia e Política da FACE via-*

jam para Recife para participarem de intercâmbio cultural junto ao Instituto Joaquim Nabuco de Pesquisas Social, do Ministério da Educação e Cultura e Instituto de Ciências do Homem, da Universidade de Recife”.

A notícia acima publicada fala de algo que, geralmente não era feito naquele momento, isto é, levar os alunos para aulas de intercâmbio, geralmente, isso era uma inovadora para época essa busca de melhorar a cada dia, e o mais importante estar sempre um passo à frente das demais. Esse pioneirismo servia para publicizar a imagem da Faculdade de Ciências Econômicas.

A Escola se diferenciava pela sua inovação. Esta vanguarda implicava na constituição de um ensino superior, com referência e um dos melhores do país.

O jornal passa a imagem de uma Escola que tinha como diferencial a vanguarda, essa busca constante de não ser uma Escola comum, ter sempre algo a mais que diferencie de outras escolas de economia da região.

“Faculdade de Ciências Econômicas de Campina Grande promoverá curso de perspectiva de desenvolvimento econômico da economia da região Nordeste⁴ ”. Esse artigo de Lopes de Andrade é bastante representativo, pois o Diário da Borborema nos mostra uma Faculdade que estava ajudando a cidade de Campina Grande e região a romper a situação de atraso em que estava inserida a região Nordeste.

Na década de 1950, como nos mostra Lopes (s/d:15-16) quando o processo industrial assume maior importância no desenvolvimento econômico do país, altera-se o quadro organizacional do espaço regionalizado por Campina Grande. Isto porque,

implanta-se uma nova política econômica a favor do Centro-Sul, passando o Nordeste a se integrar na nova divisão inter-regional do trabalho.

Neste período a cidade já possuía espírito de grandeza. A Faculdade de Ciências Econômicas de Campina Grande promove esse curso onde se discutiria alternativas para sanar problemas sociais que afligiam a região nordestina. E, como é comum no processo de modernização, o novo passou a ser representante do avanço, de progresso enquanto o que já existia, e conseqüentemente era velho, passou a ser sinônimo de obsoleto, atrasado, provinciano. Percebe-se o contraste do novo com o “velho”, do olhar positivo com o “negativo”, da lembrança e do inédito, e este movimento contribuirá para a formação de um novo olhar, em relação à cidade.

Era necessário passar a idéia de uma cidade desenvolvida e progressista para os campinenses, bem como era uma ótima forma de atrair turistas e empresários para que desenvolvessem negócios na cidade, e também para que outras instituições desenvolvessem encontros ou seminários regionais e nacionais na Faculdade de Ciências Econômicas. Como podemos perceber na afirmação de Nelson Pita, Diretor do SESI, afirma: “Campina Grande é o centro industrial e de irradiação econômica do Estado da Paraíba”, contribuindo assim, para a construção da imagem de uma Campina desenvolvida e moderna.

Podemos perceber também nesse artigo, embora se apresente de forma implícita, o desejo da Faculdade de Ciências Econômicas, de possibilitar condições para que o projeto de industrialização, tão almejado pelo grupo desenvolvimentista local, fosse capaz de colocar o município de Campina Grande

⁴Diário da Borborema: 29/09/1973; página 08.

como um posto avançado do desenvolvimento na região Nordeste. E alguns investidores perceberam esses avanços e não se negaram a investir na cidade, graças aos projetos aprovados pela SUDENE.

3. Considerações finais

Como podemos perceber na análise dessas cinco notícias publicadas pelo Diário da Borborema, esse veículo de comunicação vai construindo a imagem de uma Faculdade de Ciências Econômicas que se diferenciava das demais, por sua vanguarda, estando sempre em busca de realizar algo novo, seja fazendo intercâmbios, seja trazendo pesquisadores de renome, como o eminente sociólogo pernambucano Gilberto Freyre para promover palestra ou trazendo técnicos da SUDENE para promoverem cursos extracurriculares. Toda essa busca de inovação refletia na idéia de transformar a instituição numa referência e ajudar Campina Grande e o Nordeste a se desenvolverem.

Podemos perceber, ainda, que a Faculdade de Ciências Econômicas desponta no quadro cronológico da história do ensino superior da Paraíba como sendo um dos marcos da transição para a fase do ensino superior. Representa um marco divisório entre duas épocas: uma em que predominavam os estabelecimentos de ensino secundário, e a outra que se iniciava com a instituição de cursos superiores.

Com essas e outras notícias, o *Diário da Borborema* contribuía não apenas na formação de uma imagem de uma Escola de nível superior moderna e que, possivelmente, estava tentando resolver problemas do país. Como não existe jornal imparcial, podemos dizer que esses jornalistas

contribuíram para consolidar uma imagem da Faculdade de Ciências Econômicas como sendo uma instituição dinâmica e moderna que estava contribuindo na superação de problemas econômicos e sociais não só da cidade como de toda a região, mas essas notícias estavam também interligadas à idéia de “cidade moderna”, “pólo de desenvolvimento”, “futuro de prosperidade”, da qual Campina Grande fazia parte.

4. Agradecimentos

Ao CNPq/PIBIC/UFPG pela bolsa de Iniciação Científica; a Profa. Dra. Rosilene Dias Montenegro pelo incentivo que vem dando aos alunos vinculados ao Projeto Memória.

5. Referências Bibliográficas

- BRUN, Argemiro J. O desenvolvimento econômico brasileiro. Petrópolis: Vozes, 1999.
- CHARTIER, Roger. A História Cultural: entre práticas e representações. Rio de Janeiro, Ed.DIFEL.1990.
- DO Ó. Edvaldo de Sousa. História da Universidade Regional do Nordeste. JÚNIOR Luiz José e CARTAXO, Marcos (org). Governo do Estado da Paraíba. 1994.
- _____. Politécnica - Primeira Escola Superior de Campina Grande. Editora Campina Grande LTDA, S/D.
- GOMES, Ângela de Castro: Engenheiros e economistas: novas elites burocráticas.

- Rio de Janeiro: Ed. Fundação Getúlio Vargas, 1994.
- Jornal Diário da Borborema, edições de 1960 – 1976.
- IANNI, Octávio. Estado e Planejamento Econômico no Brasil. São Paulo: Editora Civilização Brasileira, 1991.
- LIMA, Damião de. Impactos e repercussões sócio-econômica das políticas do governo militar no município de Campina Grande (1964-1984). Tese de Doutorado. CH/USP - São Paulo. 2004.
- _____. O processo de industrialização via incentivos fiscais: Expansão e crise em Campina Grande. Dissertação de (Mestrado em Economia Rural), Centro de Humanidades. Universidade Federal da Paraíba, Campina Grande, 1996.
- LOPES, Stênio. Escola Politécnica de Campina Grande. Uma Experiência de Desenvolvimento Tecnológico do Nordeste. Campina Grande: Editora Tecnal, s/d.
- _____. Campina. Luzes e sombra. Campina Grande: s/editora, 1989.
- MOREIRA, Raimundo. Uma Política Regional de Industrialização. Rio de Janeiro: Ed. Paz e Terra, 1979.
- MONTENEGRO, Rosilene: História política e imaginário de progresso em Campina Grande nos anos 50. Saeculum: Revista de História. Nº 10, Janeiro/Julho 2004 - João Pessoa: Ed. Universitária/ UFPB, 2004.
- SKIDMORE, Thomas. Brasil de Getúlio a Castelo Branco (1930-1964). São Paulo: Paz e Terra, 1988.